



GT 35. Entre arte e política: articulações contemporâneas em pesquisas antropológicas

Coordenador(es):

Vitor Pinheiro Grunvald (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Glauco Batista Ferreira (UFG - Universidade Federal de Goiás)

Em continuidade às reflexões desenvolvidas em Grupos de Trabalhos nas Reuniões de Antropologia do Mercosul e em Simpósios de Pesquisas Pós-Graduandas nos Encontros Anuais da ANPOCS, este grupo de trabalho se foca nas relações entre arte e política, pensando-as a partir dos diferentes modos pelos quais as articulações entre estas esferas se engendram de modos distintos e se expressam nos cenários sociais contemporâneos. Pensar a arte em seus efeitos políticos e refletir sobre a política através de ações, de objetos, de imagens e performances artísticas tem sido uma constante em diferentes pesquisas realizadas no campo das ciências sociais e especialmente no campo antropológico nos últimos anos. Propomos acolher investigações que refletem sobre agências através de imagens, materialidades, objetos, trabalhos realizados a partir de performances e de expressões e práticas corporalizadas, de práticas de organização coletiva e de ações e mobilizações sociais que apontam o rico potencial transformativo dessas formas sociais que são ao mesmo tempo artísticas e políticas. Dessa maneira, incentivamos a submissão tanto de trabalhos que problematizam as relações entre arte e política em suas intersecções com marcadores sociais da diferença quanto pesquisas que exploram como as maneiras pelas quais a prática etnográfica se dá nos interstícios de práticas artísticas.

Do que é feito o que se vê: masculinidade e eurocentrismo na construção da narrativa cinematográfica de Hollywood

Autoria: Thais Farias Lassali (Não)

Em *The carrier bag theory of fiction* (1989), Ursula Le Guin cria um paralelo entre narrativas voltadas para a ação e a necessidade de um personagem heróico, argumentando que esse modo de contar histórias está inerentemente ligado a uma forma que privilegia uma certa masculinidade. Isso é especialmente notável no cinema hollywoodiano, que também tem contra si a alegação de ter um evidente viés eurocêntrico (Shohat e Stam: 2006), observável tanto no modo como seus tropos são construídos, quanto na maneira como suas imagens são ligadas a modos ficcionais eurocentrados. Considerando isso, a presente comunicação oral busca esmiuçar e analisar a maneira pela qual a masculinidade e também o eurocentrismo se apresentam e se interrelacionam na narrativa cinematográfica produzida por Hollywood por meio do exame de dois métodos de escrita de roteiro bem estabelecidos na indústria estadunidense - a jornada do herói (Vogler: 2016) e a teoria dos sete passos (Truby: 2007). Sendo o cinema arte imagética, por que se focar em roteiros? Ora, sendo os roteiros guias para o desenvolvimento da narrativa, podendo eles próprios serem feitos em forma de imagem, eles tornam-se estratégicos para a compreensão das estruturas que envolvem um filme. Dessa maneira, tem-se por objetivo iluminar os distanciamentos e as proximidades tanto entre esses métodos quanto das imagens que deles derivam. Ainda que esses sejam modos de narrar específicos e imersos em constrições e marcadores sociais, eles se apresentam, muitas vezes, como neutros e universais. Não obstante, neutralidade e universalidade são dois conceitos centrais para a manutenção do eurocentrismo e da masculinidade como forças motrizes na construção de representações bastante proeminentes no cinema estadunidense, justamente o que se pretende argumentar. A presente proposta está relacionada à minha pesquisa de doutorado, em andamento, sobre a representação de marcadores sociais no cinema de ficção científica hollywoodiano, que conta com financiamento da FAPESP.



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: